

Sumário



<i>Palavras do autor</i>	15
1. Holismo	19
2. Contato, transcendência e espiritualidade	63
3. Gestalt, contato e espiritualidade	83
4. Ecologia e espiritualidade	115
5. Gestalt, ecologia e espiritualidade	133
6. Transcendência, espiritualidade e santidade	149
7. Gestalt-terapia e espiritualidade	177
Conclusão OU à guisa de conclusão	213
<i>Bibliografia</i>	221

Palavras do autor

HOLISMO, ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE – *Caminhos de uma Gestalt plena* é um texto que tenta discutir e dar respostas a algumas demandas do mundo moderno, numa área provocativa que está criando esperanças de que, por meio do aprofundamento desses temas, possamos trazer algumas soluções para as necessidades atuais do Planeta.

Nossa intenção é apresentar um texto cuja leitura preencha algumas condições, como: atender às necessidades de pessoas que desejam se aprofundar nessas áreas; ser academicamente crítico, de tal modo que tenha entrada garantida na Universidade; mostrar argumentos que levem as pessoas a uma reflexão de corresponsabilização na solução dos problemas do Planeta; ser um subsídio aos psicólogos como uma avaliação orientada aos problemas de disfunções psicológicas que permeiam os consultórios por falta de sensibilidade e engajamento ou por desconhecimento dos problemas da Terra.

O Holismo é a matéria-prima da qual emana, naturalmente, uma visão de Ecologia Profunda e Espiritualidade. Sem uma visão holística de mundo, dificilmente nos tornaremos sustentáveis; perderemos a sensibilidade para a transcendência e a Espiritualidade, condições humanas de existência, que precisam ser apreendidas da realidade que nos cerca.

O texto desenvolve a ideia central de que animalidade/racionalidade/ambientalidade são os três existenciais da dimensão humana e de que a exclusão de um deles, sobretudo da ambientalidade, é a responsável pela irresponsabilidade das relações Pessoa/Terra, cujos efeitos já se fazem sentir pela devastação dos ecossistemas vivos. A sustentabilidade humana precede a sustentabilidade do Planeta – que é o centro da pessoa humana, e não o contrário.

Com base no conceito de totalidade e nos princípios básicos do Holismo de que “tudo muda, tudo afeta tudo e tudo é um todo”, o texto constrói, sistematicamente, uma visão epistemológica da natureza gestáltica da relação homem/mundo. Rompe-se o dualismo pessoa e mundo, parte e todo, figura e fundo para pensar a relação pessoa/mundo como uma unidade de sentido, uma Gestalt plena, uma totalidade organizada, indivisível, articulada.

Ecologia e Espiritualidade são processos gestálticos de configurações perfeitas, porque nem uma nem outra podem ser pensadas por meio de suas partes, sob pena de se destruir sua unidade de sentido e de ação.

O texto descreve, fenomenologicamente, a procedência da Ecologia do Holismo e a Espiritualidade da Ecologia, de tal modo que, seja por indução, seja por dedução, estamos diante de uma Gestalt, uma totalidade organizada, indivisível, funcionando como um campo de forças unificado.

A Abordagem Gestáltica, como forma de psicoterapia, ganha um texto sólido, bem fundamentado e que demonstra, criticamente, a procedência e a relação da Gestalt com o Holismo e mostra como a questão ecológica e a questão da Espiritualidade são lugares comuns em nossos consultórios – e cuja não vivência vem camuflada de TOC, estresse, pânico, culpa, escrúpulos religiosos, doenças psicossomáticas e, agora, doenças virtuais.

É minha explícita intenção afirmar e provar que dessa totalidade chamada Gestalt procede uma visão ecológica e espiritual de mundo, como microcampos que, junto com bilhões de outros, formam a realidade chamada Cosmo, Universo, à qual nós pertencemos, e também demonstrar que muitos dos problemas humanos, materiais e/ou espirituais da realidade passam pelo desconhecimento da experiência de pertencer, queiramos ou não, ao Universo.

O texto vai num crescendo de aproximações teórico-práticas até finalizar no capítulo “Gestalt e Espiritualidade”, que, como uma redução fenomenológica do exposto e do vivido, apresenta um possível caminho para facilitar a sustentabilidade humana por meio de instrumentos de Espiritualidade – tão antigos quanto nós mesmos, mas agora explicitados de maneira coerente e em certa ordem funcional e prática, a fim de facilitar a experiência clínica no consultório.

1. Holismo

ALGUMAS DOCTRINAS FORAM determinantes na mudança dos rumos da história humana, parte em função de seus autores, parte pela época em que surgiram, parte pelo conteúdo e pelas promessas que traziam. Doutrinas, entretanto, que não podem ser operacionalizadas permanecem no campo das abstrações, continuando a ser referenciais teóricos de outras possibilidades de ação. Algumas doutrinas surgem, aparentemente, fora de época. São como sementes lançadas em terra boa, que não crescem porque lhes faltou chuva, faltou umidade, ou veio o inverno, a neve as cobriu e agora esperam a primavera para brotar e mostrar toda a sua beleza.

Assim aconteceu com *Holismo e evolução*, de J. C. Smuts, publicado em 1926 na África do Sul por um político que também era general – aparentemente, portanto, fora de contexto tanto do local de publicação quanto de seu autor. Acredito, no entanto, que esse foi um dos mais profundos, instigantes e completos livros publicados no século passado e agora, depois do inverno, surge em toda a sua beleza, trazendo para a humanidade a primavera de muita esperança e abrindo caminho para a possibilidade de um paradigma diferente: o Paradigma Holístico.

Acredito, não obstante a grande esperança que o Planeta vive hoje, que a questão do Holismo ainda está longe de

ser olhada como uma proposta de um paradigma diferente e, conseqüentemente, de ser vivida como algo capaz de trazer grandes e eficientes respostas para os problemas atuais do mundo moderno.

Smuts (1996[1926], p. 322) deixa isso claro quando afirma:

O Holismo como apresento aqui, eu direi, não é matéria para a ciência, é uma entidade ou conceito para além da ciência. Ele foge ao escopo da ciência, e a explanação de coisas que ele propõe não é uma explanação científica; mesmo assumindo que exista uma tal atividade em ação no universo como o holismo, isso não terá valor para a ciência. Para ser objeto de interesse da ciência, tem de fazer uma diferença para os fatos atuais e, portanto, ser passível de verificação experimental. Mas, claramente, o holismo, mesmo caracterizado por uma reciprocidade e universalidade, não pode ser testado.

Vamos desenvolver, primeiro, a ideia holística do Universo. “Holismo é um fator que salienta a tendência sintética do universo e é o princípio que dirige a origem e o progresso de totalidade no universo” (Smuts, 1996[1926], p. V).

O Universo não é uma multidão de partes em inter-relação. É, sim, uma infinidade de partes em intrarelacão, de tal modo harmoniosamente conectadas que não se pode falar de partes, mas de um todo ou de uma totalidade em funcionamento, composto de matéria, vida, Mente e personalidade, não se sabendo onde termina uma e começa a outra, pois matéria, mente, vida e personalidade não são partes de uma totalidade, mas subtotalidades de uma realidade maior e, como subtotalidades de uma realidade maior, nada existe nelas que seja estranho ao Universo, pois evoluíram de uma única e primeira totalidade.

As ciências modernas parecem seguir um movimento diferente daquele do mundo moderno. Enquanto o mundo se globaliza, as ciências se particularizam, se dividem, se especializam cada vez mais. Assim, a Matéria fica com a física, com a geologia, com a química e outros; a Vida fica com a medicina e biologia; a Mente com a psicologia – como se fosse possível falar ou estudar uma sem estar extremamente atento às outras.

Após uma longa e complexa dissertação sobre a natureza da matéria, Smuts (1996[1926], p. 36) conclui:

A antiga visão de matéria como inerte e passiva desapareceu completamente. A matéria, como a vida, é intensamente ativa, é, de fato, ação no sentido físico, técnico. A dificuldade não é entre morte e vida, mas entre dois tipos de atividades. Por meio de suas comuns atividades, os campos da matéria e da vida, portanto, se sobrepõem e se misturam e uma absoluta separação desaparece.

Assim: “A distância entre a matéria e a mente é imensamente reduzida, e a matéria se torna plástica (fluida) ao poder emoldurador da mente”, porque “a mais íntima natureza do universo é Energia ativa ou Ação e envolve o interjogo de tremendas atividades, cujo resultado é expresso nestas curvas, e estas curvas não são outra coisa senão a atual orientação ou direção dos Eventos na Estrutura-Espaço-Tempo do Universo” (Smuts, 1996[1926]), p. 31-2).

Embora as ciências modernas insistam em se subdividir em infindas especializações na presunção de que, cada vez mais divididas, poderão ser mais bem explicadas, ocorre, entretanto, que quanto mais se subdividem mais vai ficando claro que sua compreensibilidade depende de certo *philum* que as une uma a outra, como o próton que vem do